

# **A utilização do conto infantil como mediador no tratamento de crianças separadas de seus pais: possibilidades terapêuticas e aspectos específicos**

*Celso Gutfreind\**

## **Introdução**

Este artigo apresenta o interesse terapêutico da utilização do conto infantil. A partir de minha experiência clínica, tentei relacionar dois temas: por um lado a capacidade terapêutica – reconhecida por diversos autores – que os contos possuem em contribuir com o desenvolvimento da vida psíquica da criança e, por outro lado, a separação dos pais e suas conseqüências, como a carência afetiva.

Meu interesse pelo assunto decorre de uma dupla experiência profissional, no Brasil, de médico psiquiatra para adultos e criança e de autor de livros infantis (C. Gutfreind, 1995). O trabalho como perito psiquiatra no Centro de Observações Criminológicas da Secretaria da Justiça do Estado do Rio Grande do Sul mostrou a alta freqüência, em adultos delinqüentes, de antecedentes pessoais caracterizados pela carência afetiva. E como autor de livros infantis, participando de inúmeras atividades que consistiam, principalmente, em contar histórias para as crianças e conversar com elas sobre esses relatos, pude observar diversas reações positivas em termos de desenvolvimento do imaginário e do espaço lúdico (E. Pavlovsky, 1990).

São essas duas experiências e a curiosidade produzida por elas que se encontram na origem de meu interesse em realizar um ateliê de contos junto a crianças marcadas pela separação e pela carência afetiva e, portanto, talvez mais suscetíveis que as outras a entrar na delinqüência. Pareceu-nos que esse tipo de abordagem clínica poderia apresentar efeitos preventivos e terapêuticos nessa população.

Em Paris, aonde fui para continuar minha formação de psiquiatra, a bibliografia a respeito da utilização terapêutica do conto impressionou-me pela sua grande diversidade e pela riqueza de suas idéias e reflexões. Pareceu-me também que, na França, o conto era reconhecido como um alimento precioso e bastante utilizado, não só na escola e em atividades propostas pelas bibliotecas municipais, mas também clinicamente, nos hospitais (P. Lafforgue, 1995).

Procurei, então, oferecer a uma população específica a possibilidade de se beneficiar desses efeitos terapêuticos, no caso, as crianças separadas de seus pais e residindo em instituições do Estado. Secundariamente, tratava-se para nós de identificar a maneira como o fenômeno é produzido e também compará-

## **RESUMO**

O artigo expõe a utilidade do conto infantil no tratamento psicológico de crianças separadas de seus pais. São apresentados uma experiência clínica e um protocolo de pesquisa associado a ela sobre o período de um grupo terapêutico utilizando o conto, o qual reuniu, por um lado, uma população de 13 crianças separadas de seus pais e que vivem em instituições do Estado em Paris e, de outro, uma população de 8 crianças de uma escola maternal da região parisiense, com o objetivo também de comparar os dois grupos a fim de destacar os aspectos específicos, sobretudo de grupo de crianças institucionalizadas. São mostrados os benefícios que o tratamento trouxe a essas crianças no que se refere as suas capacidades de representação e de simbolização, ou seja, em sua vida imaginária.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Conto, separação pais-crianças, carência afetiva.

\* Especialista em psiquiatria pela Fundação Universitária Mário Martins, mestre em psicopatologia infantil pela Universidade Paris XVIII, doutorado em psicopatologia infantil na Universidade Paris XVIII.

lo com os efeitos produzidos por um mesmo ateliê em uma população de crianças não-separadas de seus pais, a fim de pesquisar alguns aspectos específicos de uma e de outra população. O material clínico mostrará diversos exemplos, permitindo concretizar os objetivos iniciais.

Esse trabalho inscreve-se, igualmente, em minha pesquisa (comparativa e longitudinal) de doutorado em psicopatologia clínica.

### Parte teórica

Certos autores e obras apresentaram uma importância particular enquanto modelos em minha maneira de trabalhar com o conto. Os assuntos de que tratam concernem, antes de tudo, ao ateliê-conto (e ao trabalho psíquico que o acompanha) e ao problema da separação e da carência afetiva na criança.

Falemos, em primeiro lugar, de Bruno Bettelheim, cuja obra *Psicanálise dos Contos de Fadas* (1976) teve um papel precursor na utilização terapêutica dessas histórias. Seu principal postulado, segundo o qual o conto de fadas exerceria em si mesmo uma função terapêutica na criança, apresenta uma relação direta como o meu trabalho clínico.

Uma das idéias fundamentais de Bettelheim é a de que os contos tradicionais constituem uma ajuda importante para a criança, à medida que mostram situações que ela vive em seu inconsciente, podendo se beneficiar da identificação com essas situações e seus heróis e fazer disso um recurso de maturação. Dizendo de outra forma, o valor inegável dos contos viria do fato de ajudarem a criança a transformar em fantasias o conteúdo de seu inconsciente, abrindo-lhe assim novas dimensões de sua imaginação.

O repertório de Bruno Bettelheim reúne alguns contos populares conhecidos na Europa (e em parte do mundo), os quais detêm, segundo ele, a capacidade de oferecer um sentido para a vida. Quanto a isso, um dos pontos importantes de nossa discussão é a crítica severa que ele dirige aos contos modernos, os quais considera pobres e sem significação profunda. Veremos, adiante, que nossas conclusões o contradizem um pouco nesse ponto específico.

Um outro autor serviu-me de referência significativa. Trata-se de Pierre Lafforgue, cuja obra *Petit Poucet deviendra grand – Le travail du conte* (1995) forneceu-nos elementos preciosos para a organização de ateliês terapêuticos utilizando o conto e dirigidos às crianças. Lafforgue apresenta uma experiência clínica muito rica, desenvolvida em um hospital-dia de Bordeaux, utilizando como principal instrumento o conto popular, em torno do qual ele desenvolve nume-

rosas reflexões pertinentes, afirmando, por exemplo, que, desde a pré-história, esse tipo de narrativa tem demonstrado uma capacidade de organizar os arcaísmos de nosso pensamento, principalmente os arcaísmos destrutivos que habitam as crianças.

Seus ateliês desenvolvem-se, geralmente, de acordo com três momentos: primeiro, uma história é contada, em seguida, as crianças são convidadas a colocá-la em cena e, finalmente, a desenhá-la. Lafforgue aqui insiste sobre as técnicas de como contar, as quais devem incluir a voz, o gesto, o olhar, a memória e a utilização do espaço. O autor fala também da importância de um “setting” bem preciso em relação à atividade, o qual deve incluir também um espaço apropriado como instrumento de referência e de simbolização, assim como dois adultos auxiliares do contador a fim de facilitar o seu trabalho em sustentar o “pacto narrativo”, ou seja, o contrato estabelecido entre aquele que vai contar e aqueles que vão ouvir. Seus ateliês reúnem uma média de 5 crianças, têm uma duração de 1 a 3 anos e frequência semanal.

Lafforgue fala também da eficácia que pode apresentar a utilização para cada história de um ritual de começo e de fim, tentando evitar a dispersão da escuta e delimitar o espaço do mundo imaginário que o conto oferece à criança. Uma outra referência teórica que inspirou minhas experiências e reflexões concerne Marie Bonnafé e ao trabalho que ela realiza utilizando os contos, há vários anos, junto a sua equipe da A.C.C.E.S (Ações Culturais Contra as Exclusões e Segregações), no qual ela demonstra uma forma particular de utilizar os contos (M. Bonnafé, 1994).

O trabalho do grupo apresenta uma abordagem que reúne elementos originais que me ajudaram e estimularam na criação de meu próprio método de trabalho. Essa abordagem visa, sobretudo, as crianças menores e baseia-se em uma hipótese proposta por René Diatkine, segundo a qual as crianças precisam experimentar o prazer de imaginar antes de poder descobrir o prazer do texto e, em consequência, o apetite real da língua escrita. Bonnafé evoca, igualmente, a capacidade que essas histórias têm de favorecer, nos bebês, a construção de suas representações e de seus primeiros passos no mundo da simbolização.

Salientemos que ela atribui inúmeras qualidades ao livro em si (enquanto objeto), valorizando a sua utilização direta, bem como suas ilustrações. Além disso, a autora reconhece o mérito dos contos modernos, sobretudo para os menores, e apresenta um repertório de histórias modernas que se mostraram interessantes na experiência da equipe.

Bonnafé se apóia no conceito de objeto transicional de Winnicott, que constitui uma referência importante no trabalho de seu grupo e no nosso (D.W. Winnicott, 1951). Acreditamos (como Marie Bonnafé) que as histórias infantis podem constituir esse objeto, essa

coisa representada pela mãe (ou seu substituto) e na qual o bebê (ou a criança) vai investir, com a qual ele vai se vincular, elaborando assim esse universo imaginário e esse processo de simbolização que vão servir de intermediário entre ele e o seu meio e ajudar no estabelecimento de uma distinção clara entre a fantasia e o fato real.

Quanto a isso, convém evocar o psicanalista Eduardo Pavlovsky, cuja experiência soube conciliar as atividades psicanalíticas e artísticas (E. Pavlovsky, 1990). Ele insiste muito sobre a faculdade de se alimentar de imagens construídas durante a infância, o que contribui, segundo ele, para desenvolver no adulto as qualidades artísticas ou a estabilidade emocional, ou ainda as duas simultaneamente. O autor apresenta, mais adiante, o conceito de espaço lúdico (resultante da combinação de imagens, de jogos, de ilusões) em analogia com o de espaço transicional de Winnicott, observando nesse espaço ou nessa atividade lúdica um recurso terapêutico importante e uma função intermediária suscetível de resolver certos distúrbios traumáticos. Gostaríamos ainda de mencionar três autores cujas idéias nos parecem interessantes para a compreensão dos benefícios trazidos pelos contos às crianças. Em primeiro lugar, Bion e seu conceitos de elementos (e funções) alfa e beta (1974) e, em seguida, Guerin (1984), que se apoiando nesses conceitos, fala do conto como um “continente” potencial que pode realizar um processo psíquico de metabolização de elementos beta (impressões sensoriais, emoções) em elementos alfa (elementos digeridos, disponíveis ao pensamento). Enfim, Mélanie Klein e seu estudo sobre o processo de simbolização e sua importância no desenvolvimento do ego.

Acreditamos que o conto pode agir em tais registros e assim, ajudar a criança a pensar e a simbolizar.

Recorremos também a elementos teóricos ligados a outros temas, como a “separação pais de crianças”, a “carência afetiva” e a “institucionalização” presentes, principalmente, nos trabalhos de Mazet e Stoleru, que se dedicam a uma revisão teórica dos trabalhos mais importantes sobre o tema, incluindo os seus próprios (P.Mazet & S. Stoleru, 1993). Mencionemos, igualmente, entre outros, Spitz, Bowlby, Lemay, Lebovici, Berger, Appeil, David e Ainsworth, que publicaram diversos trabalhos notáveis sobre o assunto. Quanto à última, ela evoca as dificuldades metodológicas de um estudo relativo a uma população carente afetivamente (Ainsworth, 1962). De fato, nós mesmos, em nosso trabalho, estivemos sempre confrontados com tais dificuldades.

Parece-nos igualmente importante, quanto às dificuldades que, freqüentemente, apresentam as crianças separadas de seus pais em expressar ou representar para elas mesmas aquilo que sentem, destacar os trabalhos de Berger, que considera essa

separação como um traumatismo que o psiquismo da criança dificilmente pode integrar à medida que ela tem muita dificuldade em aceitá-lo e em lhe dar um sentido (M. Berger, 1997). Essa afirmação, cuja pertinência pudemos comprovar na realidade de nossa experiência, parece-nos abrir uma via interessante para o tratamento dessas crianças por meio dos contos. Na descrição detalhada que Berger faz dos processos psíquicos que intervêm nessa situação, ele enfatiza a atividade mental simbólica necessária para o bom desenvolvimento da separação, precisando que a incapacidade em suportá-la deve-se, principalmente, à impossibilidade para a criança de evocar em pensamento, de representar para si mesma o pai (ou os pais) ausente(s). Parece-nos que é por meio de um trabalho sobre esses aspectos de simbolização e de representação que o conto pode mostrar toda a sua utilidade.

## Metodologia

Nossa hipótese principal é a de que um ateliê utilizando os contos infantis como mediador pode apresentar efeitos terapêuticos nas crianças separadas de seus pais e servir de apoio em seu tratamento psicológico.

Nosso objetivo era também mostrar que um ateliê, desenvolvido com crianças que vivem em um *foyer* do Estado, apresenta aspectos específicos se comparado com outros grupos em situações diferentes, como na escola. Esses aspectos podem se relacionar à escolha das histórias que as crianças fazem, de acordo com seu tema ou gênero (modernas ou tradicionais), o tipo de relacionamento que se desenvolve entre as crianças e as histórias ou o contador, etc.

Nós adaptamos o nosso protocolo às condições de trabalho próprias das instituições que aceitaram a realização de um ateliê-conto, condições essas que ainda estão longe das ideais.

A população à qual se dirigiu nosso ateliê era composta de vinte e uma crianças, divididas em dois grupos. O primeiro, o grupo experimental, contava com treze crianças, em uma instituição (*foyer*) do Estado. Em razão de certas condições ligadas a essa instituição (principalmente as freqüentes admissões e partidas), tratava-se de um grupo aberto, com a participação média de seis a sete crianças. O segundo, o grupo-controle, foi composto por oito crianças de uma escola maternal.

A idéia de constituir um grupo-controle em uma escola ocorreu-nos depois de algumas semanas de trabalho com as crianças do *foyer* e está relacionada a nossas experiências anteriores devido à constatação que a utilização do conto com essas crianças podia

apresentar aspectos específicos importantes. Quanto a nossa população, escolhemos, em relação ao *foyer* (grupo experimental) crianças entre três e nove anos de idade, a média sendo de cinco a seis anos, ou seja, a idade mais adaptada aos ateliês recorrendo aos contos tradicionais de acordo com os autores que nos serviram de referência teórica. Na verdade, tornou-se necessário, em alguns momentos, responder às demandas de participação nas atividades vindas de crianças aquém ou além da idade prevista. Quanto à escola (grupo-controle), tratava-se de crianças apresentando a mesma média de idade, mas que não eram separadas de seus pais.

Nossa intervenção desenvolveu-se em uma instituição pública para crianças, em Paris (*foyer*), para o grupo experimental e em uma escola maternal da região parisiense para o grupo-controle. Em relação ao desenvolvimento do ateliê e aos instrumentos de trabalho, tivemos de entrar em contato, no que se refere ao *foyer*, com a instituição responsável, ou seja, a ASE (Ajuda Social à Infância) de Paris. Nosso trabalho começou pela formação do grupo experimental, seguida pela do grupo-controle, os dois tendo participado das mesmas modalidades de ateliê.

Ainda que previstos para uma duração média de um ano escolar, os dois ateliês duraram um pouco menos em razão de um atraso devido aos acertos administrativos. O protocolo de pesquisa, finalmente utilizado, inclui nossa técnica de construção de um ateliê-conto e nossa forma de organizar os dados recolhidos por meio de nossa observação das crianças e das equipes de trabalho.

### Protocolo de pesquisa

Quanto à técnica de ateliê-conto, utilizamos, na prática, diversas sugestões de Pierre Lafforgue, ainda que fazendo inúmeras adaptações ligadas às condições de trabalho e à população envolvida. Em primeiro lugar, foi preciso encontrar um local adequado para a atividade. Se isso foi fácil na escola, onde utilizamos a biblioteca, o trabalho mostrou-se mais difícil no *foyer*, onde acabamos por conseguir uma sala confortável, mas que correspondia à sala de visita dos pais. A frequência era de uma sessão de 45 minutos por semana. Nós incluímos, em nosso repertório, alguns contos tradicionais como *O Chapéuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *O Barba Azul*, etc. Tentamos estabelecer um “pacto narrativo” com as crianças e utilizar os rituais de começo e de fim conforme os prescreve Lafforgue: “Cric-crac, ié-ié-ié (pequena adaptação brasileira), o conto vai começar” e “Cric-crac, cric-crac, o conto está guardado”. A atividade do desenho, que vinha após a

leitura de uma ou várias histórias, constituiu uma parte importante do nosso ateliê. Além disso, no *foyer*, pudemos contar com o apoio constante de uma estagiária em psicologia e, ocasionalmente, de algumas educadoras estagiárias. Outros elementos de nossa técnica foram retirados de Marie Bonnafé, em particular a utilização de histórias modernas, que constituíram a metade de nosso repertório: *Max et les Maximonstres* (M. Sendak, 1963), *Chatouillis* (H. Oxenbury, 1987), *Petit Ours Brun* (equipe de Pomme d’Api & D.Bour, 1993), etc. Baseados em sua experiência, utilizamos diretamente os livros. À medida que experiência se desenvolvia, passamos a construir a nossa própria técnica, utilizando bastante minha experiência adquirida, ainda no Brasil, de autor de contos e, sobretudo, de contador de histórias nas escolas. Quanto à observação das crianças, vários pontos nos pareceram importantes para serem relevados nos dois grupos, principalmente para observar suas diferenças e as especificidade de cada um: a maneira de se encontrar no início da sessão, a escolha das histórias (do grupo e individual), o relacionamento das crianças com a história (suas reações) e com o contador, o desenvolvimento da atividade do desenho, o comportamento e o funcionamento do grupo e a maneira de se despedir. Com isso, registramos nossas observações depois de cada sessão, levando em conta, principalmente, as verbalizações e atitudes das crianças, assim como as mudanças observadas com o desenrolar das sessões e a evolução do ateliê. Quanto à observação da equipe, tratava-se, nesse ponto, de saber como as professoras (na escola) e as educadoras no *foyer* perceberam a atividade.

Pareceu-nos igualmente importante observar o grau de adesão das crianças à atividade. A questão era, nesse momento, avaliar em que medida elas se interessavam. De acordo com a evolução de cada criança, propusemos nosso próprio questionário aos professores e educadores a fim de obter o seu ponto de vista em relação a eventuais transformações em cada uma. Utilizamos também os “relatórios de comportamento”, que concernem apenas ao *foyer* e fazem parte do dossiê das crianças. Trata-se de observações relativas a sua evolução dentro do *foyer* e que são realizadas, sobretudo, pelas educadoras.

### Resultados

Quanto ao material clínico recolhido dos dois grupos, mencionaremos aqui alguns pontos que nos parecem importantes de acordo com a evolução positiva das crianças ao longo das sessões. Em relação à maneira de se encontrar no início da sessão, as crianças do *foyer*

mostraram-se, no princípio, inibidas ou indiferentes. Em seguida, pudemos observar certas atuações dirigidas a nós: solicitações de atenção exclusiva, desvalorização geral de atividade e certas manifestações de agressividade entre as crianças. A evolução do ateliê, em seguida, mostrou uma diminuição sensível de atuações, de agitação, de atitudes agressivas no começo da sessão e de indiferença.

Na escola, os comportamentos eram muito diferentes, com uma constância maior nas reações ao longo das sessões, marcadas principalmente por expressões de contentamento e de curiosidade.

Quanto à escolha das histórias, alguns elementos podem ser observados. De início, as crianças do *foyer* recusavam-se a escolher e deixavam-nos fazer. Em seguida, eles mostraram uma preferência pelos contos modernos, geralmente mais simples, mais curtos e de estrutura mais simples que a dos contos de fadas, mostrando, assim, dificuldades na escuta das histórias tradicionais. Após mais algumas sessões, eles começaram a escolher algumas dessas, o que passaram a fazer em frequência cada vez maior. Com exceção de uma criança, nenhuma pareceu ter uma história preferida.

Observamos também um interesse ligeiramente maior pelas histórias engraçadas, como a do tatuinho (W. Holzwarth e W. Erlbruch, 1989) e uma certa rejeição àquelas que evocam, de forma direta, o abandono e a adoção, como *Uma mãe para Choco* (K. Kasza, 1992).

Na escola, as crianças quiseram escolher as histórias desde a primeira sessão. A preferência foi sempre dirigida aos contos tradicionais. De maneira geral, eles recusaram as histórias modernas de nosso repertório. Escolhas individuais manifestaram-se desde o começo, envolvendo, com frequência, *O Barba Azul* e *O Chapuzinho Vermelho*, mas também recusas explícitas à algumas histórias, como por exemplo o mesmo *O Barba Azul*.

Quanto ao relacionamento com a história, certas reações repetiram-se regularmente no *foyer*. No início, o grupo demonstrava agitação (com atuações) no momento em que entravam em cena o lobo, o dragão, etc e dificuldade em se concentrar em uma história, solicitando outras em um ritmo que qualificamos de “frenético”; e também reações em geral muito pobres em relação às histórias e uma tendência a se afastar fisicamente de nós. No entanto, observamos uma evolução bastante favorável no que se refere a esses aspectos. A título de exemplo, citemos o caso de Sheila, uma menina de 6 anos, que foi transferida para o *foyer* por causa de uma situação de violência familiar (seu pai havia matado a cunhada e ferido a esposa a facadas na presença de Sheila). Ela pode, assim, expressar seus sentimentos de medo depois da leitura de certos contos (*O Barba Azul*, por exemplo), o que ela não fazia fora do ateliê. Dois meninos de 5 anos, Paolo e Radish,

começaram a elaborar, diversas vezes, depois de cada sessão de leitura, um relato de suas próprias histórias de vida, falando, sobretudo, de suas origens e de suas institucionalizações anteriores. O mesmo Paolo, uma criança inicialmente bastante difícil, reagiu a um dos contos, demonstrando uma capacidade de estabelecer uma diferenciação clara entre a sua realidade e o imaginário próprio da história contada. Observamos, igualmente, um enriquecimento das reações verbais (dirigidas aos personagens, por exemplo) ao longo das sessões. Acrescentemos que essa evolução foi acompanhada de atitudes menos angustiadas e mais criativas das crianças. Assinalemos, enfim, que, em certos momentos, a agitação era tão grande que nos fazia interromper a história para perguntar às crianças o que estava acontecendo e elas aproveitavam para expressar diretamente a falta de seus pais, com verbalizações do tipo “Eu quero minha mamãe”, o que provocava, em geral, um alívio no grupo e uma recuperação da vontade de escutar a história.

Na escola, notamos, desde o início, reações bastante diferentes. As crianças, geralmente, conseguiam expressar seu medo das personagens “más” sem atuar. Elas não manifestaram o “ritmo frenético” em sua escuta: um ou dois contos lhes bastava. Além disso, as reações mostraram-se mais ricas, com uma participação ativa durante a leitura das histórias, propondo, por exemplo, diversas maneiras de salvar a mulher do Barba Azul. As crianças também mostraram tendência em se aproximar fisicamente de nós nos momentos angustiantes dos relatos e vontade de encenar as histórias. Em seguida, observamos uma evolução de seu comportamento, que consistia em cada vez mais, jogar sozinhas ou entre elas, porém permanecendo atentas à história. Quanto ao relacionamento das crianças com o contador, alguns resultados pareceram-nos também interessantes. De início, como já dissemos, as do *foyer* geralmente nos evitavam, expressando indiferença, agressividade e, por vezes, atuando. No entanto, sentimos nesses comportamentos uma forma de exigir de nós uma atitude mais ativa, mais protetora e também de que lhe déssemos limites. Em seguida, eles se vincularam a nós, alguns buscando um contato físico (às vezes erotizado) ou simplesmente o nosso olhar. Durante um tempo, as crianças pareciam se interessar mais pelo contador que pelas histórias. Em seguida, observamos um interesse crescente pelas histórias e pelo jogo, ou seja, uma evolução favorável em sua capacidade de se afastar do contador para se aproximar da escuta, do jogo ou dos dois ao mesmo tempo.

Na escola, as crianças não demonstraram uma busca tão intensa de contato físico (sobretudo erotizado) e de olhares, interessando-se pelas histórias desde o início. Porém um deles, Bernard, de 6 anos, manifestou um comportamento que lembrava claramente o das

crianças separadas de seus pais. Familiarizando-nos um pouco com sua história pessoal, pareceu-nos que sua atitude podia estar ligada a um conflito de separação.

Quanto à atividade do desenho, ela mostrou-se bastante rica no *foyer*, ainda que bastante difícil no começo. As crianças demonstraram uma grande dificuldade de concentração, realizando, com frequência, não mais que rabiscos ou desenhos muito pobres (para sua idade) e fazendo-os em um ritmo “ansioso”, sem verbalizar nada sobre suas criações. Com a evolução do ateliê, também observamos uma repetição bastante freqüente de certos temas ligados às histórias contadas, como o da casa (mais de 50% dos desenhos de Laurence) e o do barco. A grande maioria conseguiu, com o tempo, expressar alguns sentimentos (sobretudo de tristeza) por meio do desenho e progredir na capacidade de elaborar questões trazidas pelos contos. Os desenhos mostraram-se, pouco a pouco, cada vez mais elaborados, e o fato de se envolver nessa atividade acalmava e aliviava as crianças de forma cada vez mais freqüente.

Na escola, a atividade do desenho mostrou-se também bastante rica, mas sem as dificuldades presentes no *foyer* (sem rabiscos, desenhos mais compatíveis com a idade), as crianças vendo-a como uma atividade entre outras (jogos, encenação da história). Observamos também que alguns desenhos traduziam um interesse elevado em relação à escrita.

Quanto ao comportamento e ao funcionamento do grupo, convém mencionar que, no *foyer*, os movimentos de insatisfação estiveram sempre presentes, traduzindo, sem dúvida, a necessidade de expressar um sofrimento. Com frequência, assim que retirávamos do grupo uma criança que considerávamos sem possibilidades de participar do ateliê naquele momento, uma outra criança, calma até então, assumia o papel de agitada até o ponto que nos era necessário afastá-la também.

Quanto à maneira de se despedir, parece-nos importante destacar um aspecto observado no *foyer*. As crianças expressavam, freqüentemente, sobretudo depois das sessões mais ricas e agradáveis, uma vontade de abandonar o ateliê, com declarações do tipo: “Eu não quero mais vir...”, “Foi a última vez...”, “O ateliê não presta”. No que concerne às observações da equipe em relação ao ateliê, podemos resumir dizendo que as duas equipes se mostraram, de maneira geral, abertas e receptivas à nossa intervenção e à pesquisa. A do *foyer*, no entanto, pareceu-nos mais frágil, claramente mais conflitiva, expressando em seguida uma certa dificuldade em participar do nosso trabalho. Avaliamos essas reações como compreensíveis no clima tenso e difícil que caracteriza um *foyer*.

Quanto à adesão da criança à atividade, tivemos como critérios a presença e a vontade de comparecer, apesar de todas as dificuldades e resistências. No *foyer*, estimamos, assim, uma adesão de 92% (doze crianças

sobre 13), cifra que convém, no entanto, relativizar da seguinte forma: 54% de adesão total (7 crianças); e 38% de adesão parcial (5 crianças), os 8% restantes relacionados a uma criança cuja não-adesão não foi claramente estabelecida. Acrescentemos que algumas crianças, que inicialmente não participavam do ateliê, demonstraram vontade de comparecer em seguida.

Na escola, a adesão foi de 100%.

Quanto ao questionário sobre a evolução das crianças, encontramos algumas dificuldades em sua realização no *foyer*, onde apenas 7 sobre 13 foram preenchidos (54%).

Gostaríamos de salientar, ainda, alguns pontos. Quanto à questão que consideramos como a mais importante, (“Você observou modificações de comportamento na criança após sua participação na atividade ateliê-conto?”), a resposta foi afirmativa para 3 crianças (43% da amostra) e negativa para as outras 4 (57%). Além disso, algumas das modificações observadas pela equipe merecem ser enfatizadas: a vida imaginária teria progredido em 3 dessas crianças (43%), 1 teria descoberto o prazer de contar histórias, 1 teria melhorado a capacidade de falar e 1 outra teria ainda demonstrado vontade de encenar os contos que ouviu.

Na escola, não houve dificuldade quanto à realização do ateliê. As 8 crianças (100%) segundo as professoras, apresentaram modificações, sendo que uma teria demonstrado, sobretudo, modificações negativas (“mais excitada, nervosa, menos receptiva, etc.”). Além disso, muitas modificações observadas relacionavam-se a um desenvolvimento da vida imaginária.

Finalmente, quanto à evolução das crianças do *foyer*, tal qual aparece nos “relatórios de comportamento” que a instituição acrescenta a seus dossiês, alguns dados pareceram-nos dignos de interesse. Se 7 desses relatórios não nos foram úteis, à medida que nenhuma avaliação foi feita depois do início do ateliê, um progresso pôde ser constatado para 6 outros: 4 crianças teriam progredido em criatividade e imaginação, 1 em escrita e 1 na relação com o brincar, 2 entre elas tendo começado a apreciar as histórias.

Observamos também que uma decalagem, provavelmente, surgiu entre esse instrumento de avaliação destinado às educadoras. Citemos o exemplo de Paolo, cuja educadora, 5 meses depois do início de sua participação no ateliê, escrevia em seu relatório: “uma grande necessidade de se identificar com as personagens”, “um grande interesse pelas histórias apesar de recusa em ir ao ateliê”, “aumento da curiosidade e dos questionamentos (ricos questionamentos sobre Deus, o diabo, a Dama Branca, os monstros, etc)” e também Olivier, cujo relatório estipulava, 2 meses depois do início de sua participação: “mais atento às histórias contadas pelo adulto, questionando, imitando passagens da leitura e gostando de olhar os livros apesar de uma participação

difícil no ateliê”. Outras avaliações observaram progressos em aspectos que poderiam estar ligados à atividade em torno do conto, sobretudo em termos da criatividade e da imaginação (4 crianças, ou seja, 30% da amostra) e da escrita (1 criança, ou seja, 8%).

## Discussão de resultados

Em primeiro lugar, constatamos uma relação estreita entre os fenômenos observados durante o ateliê-conto e os elementos teóricos assinalados, o que nos leva a falar de efeitos positivos. Quanto aos conceitos desenvolvidos por Bettelheim e Lafforgue sobre a utilização terapêutica do conto, as observações que fizemos durante as sessões, as respostas das equipes aos questionários e os relatórios de comportamento pareceram-nos confirmar a capacidade dos contos em abrir novas dimensões à imaginação da criança, de lhe oferecer imagens que ela poderá incorporar aos seus devaneios e ajudá-la a orientar melhor sua vida, dando-lhe um sentido, ou seja, desenvolvendo sua vida imaginária e levando-a a se identificar com os personagens. Podemos dizer também que a evolução geral das crianças, em sua relação conosco e com as histórias, parece ter colocado, antes de tudo, o papel terapêutico do conto (do conto e do grupo) na construção dos espaços transicional e lúdico, dois conceitos que dizem respeito, diretamente, a esse trabalho, tais quais foram elaborados, respectivamente, por Winnicott & Pavlovsky (E. Pavlovsky, 1990 & D.W. Winnicott, 1951). Referimo-nos também a certas seqüências nas quais as crianças desenhavam ou reagiam expressando sua própria situação de separação (desenhos de casa, verbalização da falta, etc.).

Observando nossos elementos teóricos e clínicos, a presença desse tipo de modificação em uma parte de nossa população leva-nos a pensar que há uma evolução positiva. Quanto à criança que apresentou modificações negativas, segundo sua professora, supomos que isso se deva a um tempo insuficiente de trabalho em ateliê e a um fenômeno natural no primeiro contato com os contos de fada. Salientemos que, em nossa bibliografia, não encontramos nenhuma verdadeira contra-indicação a esse tipo de ateliê.

Quanto a nossa segunda hipótese, que envolve os eventuais aspectos específicos da utilização do conto com crianças separadas de seus pais, os dados de nossas observações sugerem algumas especificidades na organização de um ateliê para esse tipo de população. Pensamos aqui na importância de também utilizar histórias modernas (sobretudo no início, pois as crianças podem ainda não estar maduras para os contos tradicionais), na necessidade de um contato mais direto entre o contador e as crianças e, ocasionalmente, poder-

mos assumir nós mesmos o papel de continente. Pensamos, ainda, no acréscimo de tolerância que exige o funcionamento de um grupo que, provavelmente, mais que qualquer outro precisa expressar um sofrimento, assim como na necessidade de formar grupos menos numerosos e de reforçar o contato e a integração entre o contador e a equipe. Não pretendemos generalizar essas observações, mas simplesmente sublinhar que um ateliê-conto dirigido a crianças separadas de seus pais e morando em uma instituição pode apresentar um certo número de especificidades.

## Conclusão e perspectivas

Acreditamos ter obtido indicações significativas de que os contos podem contribuir de maneira importante no tratamento psicológico das crianças separadas de seus pais e também de que um ateliê-conto pode apresentar vários aspectos específicos se essas crianças vivem em instituição.

Essas constatações apóiam-se sobre o fato de que a evolução do grupo experimental apresentou um curso favorável que o aproximou, claramente, do nível de funcionamento de nosso grupo-controle. Lembremos que algumas dessas crianças do *foyer*, ao longo das sessões, adquiriram a capacidade de saírem de seu estado de angústia, chegando a elaborar um discurso de sua própria história, suas representações e seus sentimentos por meio de um processo de simbolização.

Pode-se, então, falar da capacidade de um ateliê terapêutico, utilizando os contos como mediador, em ajudar as crianças separadas de seus pais a representar e simbolizar.

Parece-nos, portanto, pertinente tentar aprofundar um trabalho dessa ordem, utilizando um número maior de instrumentos para avaliar esse processo de evolução, como, por exemplo, os testes psicológicos.

No momento, pensamos já ter recolhido um material clínico e de pesquisa interessante, apesar de todas as limitações metodológicas encontradas. Tudo o que podemos dizer, agora, é que a história de nosso trabalho teve um final feliz, mas ela deve continuar.

## SUMMARY

This article presents the possibilities of short stories in the psychological treatment of children separated from their parents. We present a clinical experience and a protocol of our clinical material from groups of children, by one side, with a population of 13 children separated from their parents and who live in a public institution, in Paris and, on the other side, a population of 8 children from a primary school situated near Paris, the objective consisting in the comparison of the two groups to get the specifically aspects of the first group. We have demonstrated positive effects in these children about their capacity of representation and symbolization, that is to say in their imaging life.

## KEYWORDS

Fairy tales, use in therapies, affective deprivation.

**Bibliografia**

1. AINSWORTH, M.D. Les répercussions de la carence maternelle: faits observés et controverses dans le contexte de la stratégie des recherches. In: **La carence de soins maternels**. Genève: O.M.S., 1962.
2. BERGER, M. **L'enfant et la souffrance de la séparation**. Paris: Dunod, 1997.
3. BETTELHEIM, B. **Psychanalyse des contes de fées**. Paris: Éditions Robert Laffont, S.A, 1976.
4. BION, W.R. **Aux sources de l'expérience**. Paris: PUF, 1979.
5. BONNAFÉ, M. **Les Livres, c'est bon pour les bébés**. Paris: Calmann-Lévy, 1994.
6. GUERIN, C. **Le conte et la fonction conteneur**. In: Kaës, R. **Contes et divans**. Paris: Dunod, 1984.
7. GUTFREIND, C. **O Sonho de Francisco, O Pum, Vovó não vai para o céu, A Revolta da Salada**. Porto Alegre: SoLivros, 1995.
8. KLEIN, M. **Essais de Psychanalyse**. Paris: Payot, 1967.
9. LAFFORGUE, P. Du conte au psychodrame. In: **Contes et thérapies, Les actes du colloque**. Bordeaux, 1994.
10. LAFFORGUE, P. **Petit Poucet deviendra grand - Le travail du conte**. Bordeaux: Mollat Editeur, 1995.
11. MAZET, P. et STOLERU, S. **Psychopathologie du nourrisson et du jeune enfant**. Paris: Masson, 1993.
12. PAVLOVSKY, E. **Espacios y creatividad**. Buenos Aires: Ediciones Busqueda de AYLLY S.R.L., 1990.
13. WINNICOTT, D.M. **De la pédiatrie à la psychanalyse**. Paris: Éditions Payot, 1969.

**Endereço para correspondência:**

Celso Gutfreind  
37 rue Censier  
75005 Paris, France